

# Book Symposium

## MACHADO, O BRASILEIRO PIRRÔNICO? UM DEBATE COM MAIA NETO

Paulo Roberto Margutti Pinto (UFMG)

### 1. INTRODUÇÃO

Em 1994, foi publicado nos Estados Unidos o livro *Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian*, de autoria de José Raimundo Maia Neto (West Lafayette: Purdue University Press, 1994). Por uma dessas inversões típicas dos estudos do pensamento brasileiro, somente agora está sendo publicado no Brasil. De qualquer modo, trata-se de obra excelente, que certamente servirá de referência para os futuros estudos críticos de Machado de Assis.

Penso, porém, que a interpretação de Maia Neto, apesar de muito bem articulada e fundamentada, não corresponde inteiramente ao que ocorre na ficção machadiana. Isso me levou a elaborar uma crítica tal interpretação, que resultou numa leitura alternativa, que será apresentada nesse trabalho.

Para levar à frente o debate, dividirei o presente texto em três seções principais. Na primeira, discutirei o tipo de ceticismo defendido por Machado e sua adequação às categorias pirrônicas de *zétesis*, *epoché* e *ataraxia*, utilizadas por Maia Neto para analisar tal ceticismo. Na segunda, farei uma análise de cada um dos romances da segunda fase de Machado, apresentando uma interpretação para cada um e cotejando-a com a interpretação correspondente de Maia Neto. Na terceira, procurarei apresentar uma interpretação alternativa da visão de vida machadiana, articulando-a com sua expressão literária e com os principais filósofos que nela encontram eco. Espero com isso estar contribuindo para imprimir um maior dinamismo no debate sobre o pensamento filosófico brasileiro em nossa comunidade.

### 2. O TIPO DE CETICISMO DEFENDIDO POR MACHADO

A tese defendida por Maia Neto, de que o ceticismo de Machado envolve uma mistura específica de pirronismo e estetismo, se opõe àquilo que vem proposto no título de seu livro – Machado é um brasileiro pirrônico. O próprio Maia Neto (2005, p. 263-280) reconhece, em texto posterior, que a escolha do título foi inadequada.

Ele confessa que foi levado ao título infeliz pela sua ânsia em distinguir entre sua abordagem e a usual do ceticismo de Machado, feita por críticos que entendem o termo no sentido popular de *descrença* e não no sentido do conceito filosófico (Maia Neto, 2005, p. 276). Desse modo, fica claro desde o início dessa discussão que Machado não é um cético pirrô-

nico em sentido estrito. O que precisa ser esclarecido é o tipo de ceticismo que vem expresso em sua obra de ficção.

Antes de desenvolver esse tópico, cabe observar a validade e originalidade da proposta de Maia Neto, no sentido de guiar a leitura dos romances de Machado a partir do triângulo amoroso explicitado no pequeno ensaio escrito por Victor Heraux em 1850, intitulado *De l'amour des femmes par les sots (Queda que as mulheres têm pelos tolos)*. A visão de mundo expressa por meio do triângulo amoroso estabelecido nesse texto, envolvendo o *homem de espírito*, o *tolos* e a *mulher*, aplicada à ficção de Machado, permite efetivamente interpretá-la de maneira orgânica. Com isso, Maia Neto oferece um procedimento bastante frutífero para compreender não só a evolução da ficção machadiana, mas também os principais aspectos da visão de mundo nela expressa. Resta saber se a interpretação de Maia Neto, no sentido de identificar o desenvolvimento de uma visão cética de vida na obra de ficção de Machado através da aplicação das categorias céticas explicitadas por Sexto Empírico, constitui o melhor resultado a ser obtido com base no procedimento mencionado.

A esse respeito, convém lembrar que Maia Neto, em que pesem suas declarações em contrário, atribuindo a responsabilidade pelos equívocos ao título de seu livro, na verdade faz em sua análise uma forte aproximação entre o ceticismo machadiano e o pirronismo antigo, através das categorias já mencionadas. Isso lhe permite explicar a evolução do pensamento de Machado em função dessas categorias, alegando que nosso autor, em sua fase madura, se afasta de Pascal e se aproxima do pirronismo antigo. Essa linha de argumentação acarreta uma importante dificuldade, pois o romance *Quincas Borba* passa a ser interpretado como um retrocesso na evolução do autor em direção ao tipo de ceticismo presente na fase madura. Além disso, Maia Neto reconhece não apenas que o ceticismo com que Machado lida é aquele revivido nos inícios da história moderna, mas também que a forma específica de ceticismo adotada por Machado constitui uma mistura de pirronismo antigo e estetismo à la Kierkegaard. Esses aspectos, considerados em conjunto, mostram que a interpretação de Maia Neto padece de uma tensão entre dois movimentos contrários, um de aproximação e outro de afastamento com respeito ao pirronismo. Tal tensão fornece um motivo mais que suficiente para uma reavaliação da sua posição.

Nessa reavaliação, o ponto crucial está na adequação das categorias pirrônicas para a análise do ceticismo em Machado. Embora nosso autor possua com certeza características céticas, a aplicação dessas categorias não parece ser a melhor estratégia para elucidar sua relação específica com o ceticismo. Com efeito, tudo indica que elas chegaram a Machado indiretamente, através de Pascal e Montaigne, não de Sexto. Mas isso não é tudo: Machado se insere na tradição da cultura brasileira, que foi marcada desde o início por uma forma de pessimismo cético e que não decorre necessariamente de uma aplicação das categorias pirrônicas descritas por Sexto.

O pessimismo cético da tradição da cultura brasileira tem suas origens na visão de mundo do catolicismo barroco do Período Colonial. Esta visão envolve uma matriz eclética de caráter cético-estóico-salvacionista, que já apresentei no texto *Aspectos da visão filosófica de mundo no Brasil do Período Barroco (1601-1768)*. Essa matriz se baseia numa visão pessimista de mundo que pode ser resumida como segue. Vivendo numa sociedade inteiramente depravada, o

brasileiro da época colonial adquire uma perspectiva pessimista da realidade social, que ele considera sem solução. Esse pessimismo de caráter moral, baseado nos princípios cristãos que ele vê constantemente desrespeitados à sua volta, o leva a desconfiar do poder da razão humana para conhecer seja o que for. Isto o leva a recusar as teorias sistemáticas como meras elocubrações vaidosas e a buscar na renúncia ao mundo a solução para o seu dilema. Esse pessimismo moral que desemboca no ceticismo e que, para abreviar, denominarei *pessimismo cético*, é compatível com uma postura estoíca diante do mundo e com o salvacionismo da religião católica. No Brasil Colônia, essa matriz se apresenta partilhada por diversos autores, como Nuno Marques Pereira, Gregório de Matos, Antônio Vieira e Matias Aires. Todos eles constataam a degradação moral aparentemente insuperável da sociedade colonial. Em virtude disso, adotam uma atitude pessimista com relação a tudo, inclusive à nossa capacidade de conhecer. Daí o apelo de cada um, em maior ou menor grau, ao ceticismo, que, conforme mencionado, deve ser entendido num viés moral e não epistemológico. A perspectiva como um todo retira inspiração do *Eclesiastes*, que não vê qualquer novidade na miséria humana e considera a pretensão de conhecer como pura vaidade. Temos aqui um tipo de “compreensão intuitiva” das coisas, em que – adotando uma terminologia pascaliana – o *coração* é superior à *razão*. E essa forma de compreensão encontra melhor expressão pelo viés literário.

A visão de mundo do catolicismo barroco encontrou no Brasil Colonial um solo fértil para crescer, prevalecendo entre nós pelos três primeiros séculos de nossa história. Depois disso, principalmente durante o século XIX, nossa maneira de fazer filosofia sofreu uma transformação que gradualmente levou à crescente produção acadêmica que estamos experimentando nos dias de hoje. Apesar de nosso “ceticismo literário” originário, algumas obras sistemáticas já apareceram e alguns debates importantes já ocorreram ou estão ocorrendo. Mesmo assim, ainda é possível encontrar resquícios da visão de mundo do período colonial, principalmente em nossa ficção literária. Desse modo, algumas contribuições brasileiras importantes para a filosofia podem ser encontradas nesse domínio, embora certamente não estejam todas aí.

Ora, tudo indica que a perspectiva cética de Machado apresenta ligações, ainda que implícitas, com essa matriz colonial. Uma justificativa para isto está nas suas inúmeras referências ao *Eclesiastes*. O próprio Maia Neto destaca o fato de que, no seu Memorial, Aires expressa o desejo de escrever uma moderna versão desse texto bíblico. Nessa perspectiva, as idéias de Pascal, Montaigne, ou mesmo de Erasmo encontram eco em Machado por causa de suas ligações com o espírito pessimista do *Eclesiastes* e não por causa dos elementos pirrônicos que portam consigo. Na verdade, Pascal pode ser considerado uma espécie de “retrocesso” na evolução do pensamento moderno, em virtude de sua extrema religiosidade e de seu pessimismo moral. Montaigne, por sua vez, é um cético renascentista que pode ser ligado ao catolicismo barroco, no espírito das idéias de Francisco Sanches. Esse último, por sua vez, é um cético que escreve num estilo mais literário do que filosófico, buscando o equilíbrio numa posição socrática. Para ele, a experiência cética serve para curar os homens da presunção e levá-los a aceitar suas limitações. Sua posição envolve uma forma de fideísmo, em que o ceticismo convive com uma fé sincera. É verdade que as obras de Sanches eram muito pouco conhecidas no Brasil Colônia. Mas também

é verdade que a visão de mundo nelas expressa está muito ligada à postura filosófica do homem ibérico diante da vida.<sup>1</sup> Isto sugere uma imbricação entre a filosofia de Sanches, a matriz colonial, já mencionada, e o pensamento de Montaigne – que Maia Neto, em sua interpretação, aproxima do Machado maduro. Assim, Pascal e Montaigne influenciam a visão de mundo de Machado muito mais em função de suas afinidades com o pessimismo cético ibérico do que por suas ligações com o ceticismo moderno. O caráter aparentemente “moderno” do ceticismo desses autores não parece ter impressionado Machado tanto quanto o caráter moral das denúncias que eles fizeram da miséria da condição humana, caráter esse que os aproxima bastante da vertente ibérica do modernismo e que se acha muito bem expressa no catolicismo barroco da matriz colonial. Do mesmo modo, qualquer semelhança entre os ataques de Sexto ao estoicismo e as críticas de Machado às doutrinas que divinizam o ser humano, como o estoicismo, não passam de coincidências, pois elas também se enquadram na intenção moral de desmascaramento da vaidade humana de pretender conhecer algo. Coisa semelhante pode ser dita do desapego aos valores mundanos nos personagens da segunda fase, que se enquadra não nos preceitos pirrônicos de Sexto, mas na necessidade de renúncia ao mundo para encontrar a salvação, numa postura que combina o espírito do estoicismo de Sêneca com o salvacionismo cristão.

Para explicar melhor a interpretação acima, convém recorrer a uma declaração de Machado, numa crônica de *A Semana*, que Miguel Reale inclusive utiliza para defender o ficcionista da “acusação” de ceticismo:

“Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma coisa que se possa dizer pessimista, adverti que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la.” (machado de assis *apud* serpa, 2003, p. 63)

É claro que essa declaração não pode ser tomada tão literalmente como pretende Reale, principalmente em se tratando de Machado. Elisa Serpa a vê como uma das inúmeras pistas falsas espalhadas ao longo da obra machadiana, que permanece fecunda em virtude de seu caráter dubitativo, provocativo e irônico (cf. Serpa, 2003, p. 63). Gustavo Krause (2005, pp. 245-6) também interpreta a declaração na mesma linha, como mais uma das ironias machadianas. De qualquer modo, convém lembrar que a declaração se refere não à obra de Machado como um todo, mas sim às suas crônicas dominicais. Mesmo assim, ela pode oferecer alguma luz a respeito da visão de mundo machadiana e suas relações com o ceticismo. Com efeito, ela procura fazer uma distinção entre *pessimismo* e *ceticismo*, alegando que o pessimista não é cético, uma vez que afirma a realidade da coisa ruim. Isto parece sugerir que, pelo menos do ponto de vista da afirmação do pessimismo e do lado negativo das coisas, os céticos acadêmicos ofereceriam melhores condições para uma aproximação com Machado. Essa conclusão, porém, deve ser igualmente evitada. Com efeito, o pessimismo mencionado por Machado pode ser tal que produza uma profunda descrença em qualquer tentativa de investigar a realidade para reparar o que nela está ruim, conforme descrito na matriz colonial. O pessimista moral se torna cético não através

da prática de uma *zétesis* que desemboca na *equipolência* e gera a *epoché* no sentido de Sexto, mas através da dolorosa experiência de viver numa sociedade moralmente depravada, que leva à constatação da predominância do lado negativo da realidade e da impossibilidade de superá-lo. É verdade que Machado revela em alguns momentos uma certa esperança para com o século vindouro, como bem observa Helen Caldwell (2002, p. 158). Mas não me parece que essa esperança seja suficiente para eliminar ou mesmo mitigar a sua visada pessimista para com o passado colonial e o presente conturbado que Machado estava vivendo.

Outro ponto importante a ser destacado está em que a solução do problema gerado pela angústia cética também não se dá pela paz de espírito da *ataraxia*, mas pela contemplação estética da miséria e do sofrimento humanos. Essa solução apresenta mais pontos de contato com a visão de mundo cético-estóico-salvacionista do que com a *ataraxia* pirrônica. Com efeito, o pessimismo cético de caráter moral é superado através de uma atitude estético-contemplativa que tem pouco da paz de espírito preconizada por Sexto e muito da redenção que é alcançada através da renúncia a este mundo. É verdade que a redenção não é de caráter religioso, como acontece na matriz colonial, mas o mecanismo envolvido pela solução é o mesmo. Basta que troquemos, no final do processo, a emoção religiosa pela emoção estética. Desse modo, os aspectos apontados por Maia Neto nos romances da segunda fase como correspondendo às etapas do pirronismo, tais como descritas por Sexto, podem corresponder a versões deformadas dessas etapas, que não devem ser confundidas com suas versões originais, sob pena de obscurecermos as ligações entre Machado e o ceticismo. Por exemplo, em momento algum de sua vida o perplexo Brás Cubas realmente exerceu alguma forma de *zétesis* pirrônica; Dom Casmurro também não constituiu um paradigma da *epoché*, pois decretou a culpa de Capitu sem dar a ela qualquer oportunidade de defender-se; e Aires, com seu estetismo desapegado, também não experimentou uma autêntica *ataraxia* pirrônica. A descrição de Machado como pessimista que se tornou cético parece mais compatível não apenas com sua obra, mas também com sua inserção na história da cultura e do pensamento brasileiros. A inadequação da aplicação das categorias céticas no sentido de Sexto, tal como indicada acima, sugere que seria melhor admitir a peculiaridade da dimensão cética em Machado, que encontra suas origens culturais na visão de mundo colonial e no sanchismo. Com o objetivo de esclarecer e justificar esse ponto, passarei à análise e discussão das teses de Maia Neto com relação a cada um dos romances da fase madura de Machado.

### 3. DISCUSSÃO DAS PRINCIPAIS TESES DE MAIA NETO RELATIVAS A CADA UM DOS ROMANCES DA FASE MADURA DE MACHADO:

#### 3.1. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS – 1881

O Brás Cubas vivo poderia ser descrito como um homem de espírito que começa com uma visão ingênua de vida e que fracassa. Isso faz com que ele tente superar o problema através da adoção de uma visão estratégica de vida. Para evitar a culpa decorrente dessa opção condenável, ele recorre a teorias morais *ad hoc*. Essa atitude lhe permite viver na dimensão

do *divertissement* de Pascal, dimensão essa em que ele persegue um certo número de idéias fixas, mas sempre sem sucesso. Sua estória é contada com ironia e, conforme ele mesmo confessa, com “rabugens de pessimismo”. Brás Cubas apresenta uma visão pessimista da natureza humana e um verdadeiro pessimismo moral. Todos esses aspectos são reconhecidos por Maia Neto (1994, pp. 79-80, 81, 88) e se revelam mais compatíveis com o pessimismo cético à *la Ecclesiastes* que constitui uma das marcas da cultura brasileira do que com o ceticismo pirrônico em qualquer de suas etapas. Além disso, a vida de Brás Cubas não parece ilustrar propriamente uma *zétesis* no sentido de Sexto, pois sua grande motivação não foi o conhecimento da verdade, como no caso do cético investigador, mas a obtenção de sucesso em sociedade. Em vida, Brás Cubas também não parece ter realizado uma investigação da vida social, pois sua atitude diante dos problemas que enfrentou foi sempre de caráter prático e não teórico. E sua perplexidade diante do mundo resulta muito mais dos fracassos de suas inúmeras tentativas do que de qualquer investigação ou *equipolência* teórica com que se tenha defrontado. Mesmo no caso do contato com Quincas Borba e o Humanitismo, não houve propriamente uma investigação teórica dessa doutrina. O aparecimento dessa última na vida de Brás Cubas foi casual, em virtude do seu encontro com Quincas e não em virtude de alguma busca intelectual pela verdade. É certo que a doutrina está voltada para as essências e impressionou Brás Cubas. Todavia, é problemático alegar que, nessa ocasião, Brás Cubas dirigiu sua investigação para as essências, como pensa Maia Neto (*Ibid.* p. 123). Brás Cubas não estava realizando investigação teórica alguma e, ao conhecer a doutrina de Quincas, considerou-a como mais uma alternativa disponível para solucionar seus problemas práticos. Mas o Humanitismo foi rapidamente descartado, pois a loucura de seu próprio autor foi suficiente para desmoralizar essa doutrina. E a sua rejeição envolveu uma confirmação do pessimismo cético que o defunto autor expressa em seu livro. Assim, o Humanitismo não foi propriamente submetido a uma *zétesis* de tipo pirrônico, como pensa Maia Neto. Outro ponto importante que marca a diferença entre o pessimismo cético de Machado e o ceticismo pirrônico está no fato de que em momento algum Brás Cubas parece experimentar a *equipolência* de teses contrárias que poderia levá-lo à *epoché*: o principal fator que atrapalha o seu avanço é o fracasso de seus projetos equivocados. As coisas continuam assim até que, um pouco antes de morrer, ele experimenta um delírio iluminador, que envolve uma percepção lúcida da miséria da vida humana, no espírito do *Ecclesiastes*. Isso lhe permite alcançar, ainda em vida, um breve lampejo de iluminação, que, contudo, tem mais afinidades com a emoção estética do que com a *ataraxia* pirrônica. Se isso é verdade, a vida de Brás Cubas pode ser descrita como uma busca equivocada e mal justificada do sucesso em sociedade a qualquer custo. Essa busca, que constitui uma verdadeira forma de loucura alimentada por idéias fixas e não se identifica com a *zétesis* pirrônica, termina ironicamente num delírio que constitui o momento da maior lucidez na vida da personagem. Esse delírio permite a Brás Cubas atingir uma visão cético-pessimista de mundo à *la Ecclesiastes* bem no final de sua vida. A importância da influência de Erasmo e da categoria de *loucura*, não podem ser desprezadas aqui. Todavia, tal influência, que Maia Neto (*Ibid.* p. 118) destaca por considerá-la consistente com a tradição cética fideísta do período moderno, aponta em direção a uma interpretação menos pirrônica da obra de Machado. Afinal de contas, a loucura não constitui uma

opção nem uma categoria filosófica na obra de Sexto. As ligações de Machado com Erasmo serão exploradas mais adiante.

Quanto ao Brás Cubas morto, o defunto autor, vemos que ele se aproveita de sua situação privilegiada, localizada fora do tempo e fora do espaço, ou seja, fora do mundo e inteiramente desapegada, para exercitar sua visão cético-pessimista e revelar a miséria humana através do relato dos fatos de sua vida. Ele faz isso através da opção pela criação literária, expressando assim um estado de espírito simultaneamente apaziguado e exaltado pela contemplação estética.

No relato de Brás Cubas, não apenas a sua própria vida serve para ilustrar a precariedade da condição humana, mas também a vida de Quincas Borba, o criador do Humanitismo. Nessa perspectiva, Brás Cubas é o paradigma do homem de espírito que, ao tentar descobrir seu caminho neste mundo, se perde nos meandros da visão estratégica de vida, sem elaborar um sistema filosófico. Quincas Borba é o paradigma do homem de espírito que, ao tentar descobrir seu caminho neste mundo, se perde nos meandros da visão ingênua de vida, que culminou com a elaboração de um sistema filosófico.

Com respeito às semelhanças entre o Humanitismo e o estoicismo, que Maia Neto utiliza para aproximar Machado e o pirronismo, é preciso observar que elas são muito indiretas e constituem meras coincidências. Com efeito, os conhecimentos de nosso autor a respeito do ceticismo muito provavelmente só alcançam as perspectivas de Pascal e Montaigne. De qualquer modo, é verdade que Brás Cubas opõe o seu pessimismo cético ao otimismo dogmático do Humanitismo – e com isso coloca numa mesma categoria todos os sistemas filosóficos que partilham essa visão positiva do homem e sua história, aí incluído o estoicismo. Mas convém não esquecer que Brás Cubas está visando diretamente as doutrinas em voga no Brasil imperial, como o evolucionismo e o positivismo. Sua ironia se aplica ao estoicismo e sistemas congêneres apenas indiretamente e por extensão. Na verdade, a atitude de Brás Cubas envolve alguns aspectos afins ao estoicismo, como a resignação e o desapego a este mundo. Maia Neto afirma que a mensagem do defunto autor é claramente a de Sexto, uma vez que Brás Cubas ironiza o apego aos valores como fonte de infelicidade. Mas a idéia de desapego aos valores desse mundo também constitui um importante aspecto do estoicismo, principalmente do de Sêneca, cuja influência pode ser rastreada na nossa formação intelectual. Como já vimos, ela é bastante compatível com a visão de mundo cético-pessimista e com o salvacionismo do período colonial.

O pessimismo cético de Brás Cubas se estende à moral, numa perspectiva que poderia ser considerada uma espécie de pascalismo sem apelo à salvação pela religião. Em outras palavras, como Pascal e os jansenistas, Brás Cubas pensa que os seres humanos em sua condição miserável não têm condições de agir virtuosamente. Todavia, diferentemente de Pascal e dos jansenistas, Brás Cubas rejeita a intervenção da graça divina como fator capaz de levar à ação virtuosa. Isso não significa, contudo, que Brás Cubas retorne aos fins práticos do cético grego, como pensa Maia Neto. Na verdade, a opção que resta a Brás Cubas é a criação literária acompanhada da correspondente contemplação estética. Isto envolve uma visão de mundo extremamente pessimista, em que, embora seja possível uma avaliação moral da conduta humana, os seres humanos se revelam intrinsecamente incapazes de uma

conduta virtuosa. Nesse sentido, não parece correto afirmar, como faz Maia Neto, que Brás Cubas percebe ser a moralidade realizável e o compromisso com a verdade ainda possível. Em virtude de seu negativismo, o pessimismo cético de Brás Cubas se aproxima não propriamente do pirronismo antigo, como quer Maia Neto, mas do ceticismo acadêmico. O problema está em que ele também se distingue desse último, em virtude do recurso à contemplação estética. E a solução de Brás Cubas parece ser a mesma de Dom Casmurro, do Conselheiro Aires e do narrador de Quincas Borba, como se verá mais adiante.

### 3.2. QUINCAS BORBA – 1891

A análise deste romance depende de uma informação importante. Ele foi inicialmente publicado sob a forma de folhetim em *A Estação*, durante cinco anos e três meses (de 15/06/1886 a 15/09/1891, com algumas interrupções em 1889). Saiu sob a forma definitiva de livro também em 1891, mas numa versão bastante modificada com relação à do folhetim (Leopoldo, 2003, Pp. 43-4). Comparando as duas versões, é possível constatar que Machado fez inúmeros cortes na versão em livro, tornando-a mais sutil e difícil de acompanhar do que o folhetim. Isso muda radicalmente o papel do narrador: enquanto o do folhetim guia o leitor com segurança através do texto, o do livro desorienta o leitor através de um relato cheio de incertezas.

Desse modo, o narrador do romance Quincas Borba, diferentemente do que pensa Maia Neto, não é onisciente como na primeira fase. Ele surge como uma figura constantemente mutável, que, por vezes, está distanciado e aparentemente objetivo, por vezes se intromete com arrogância na narrativa, por vezes se deixa submergir na subjetividade das personagens, por vezes adota uma postura altiva e por vezes se mostra humilde (Barbieri, 2003, pp. 10, 29). O narrador chega ao cúmulo de plantar pistas falsas que induzem o leitor a descaminhos de leitura (*Ibid.*, p. 35). Desse modo, pode-se dizer que a visão cética não está omitida, pois pertence ao próprio narrador.

Esse narrador brinca inclusive com o título do livro, pois o tema central do romance não é o Quincas Borba filósofo nem o Quincas Borba cão, mas Rubião, que encarna as contradições da comédia da vida, oscilando entre a loucura e a lucidez (*Ibid.*, pp. 21, 24). A estória é uma denúncia extremamente eficaz da crueldade social e da maldade humana (*Ibid.*, p. 27). E isso ocorre de maneira bastante sutil, pois, em Quincas Borba, a linguagem apresenta duas camadas semânticas. A primeira é a do significado legalizado, que pode ser imediatamente percebida e facilmente aceita pelo *status quo*. A segunda envolve tanto uma reflexão e uma crítica demolidora sobre o papel do homem de idéias na sociedade como uma teoria da ficção, sendo que ambas só se tornam legíveis com o decorrer do tempo (*Ibid.*, p. 27).

Numa linha convergente de interpretação, Suzimar Rioja (2003, pp. 99-101, 104) considera que o narrador de *Quincas Borba* é uma personagem à parte. Assim, penso que seria possível imaginar tal narrador como uma variante travessa de Brás Cubas, que inclusive conhece o texto de *Memórias Póstumas*, pois chega a citar essa obra no romance *Quincas Borba*.

De maneira surpreendente e contrariamente às expectativas de Maia Neto, Elisa Serpa, em *O narrador cético na segunda versão*, estabelece uma relação entre o narrador cético de Quincas Borba e o ceticismo pirrônico (cf. SERPA, 2003, pp. 59-82). Para ela, o narrador do romance se aproxima da personagem que não sabe tudo, recusando-se a assumir uma posição



onisciente. Ao fazer isso, o narrador de *Quincas Borba* dilui as certezas e deixa o nó central da narrativa como um resto de ilegibilidade, como algo oculto, submerso, não totalmente transparente no texto (*Ibid.*, p. 69). Ao reconstruir os fatos, o narrador renuncia a toda afirmação e a toda negação, estabelecendo *equipolência* entre as diversas hipóteses e mantendo-se em estado de *epoché* (*Ibid.*, pp. 70-1) Isso faz com que o próprio discurso do narrador seja tão questionável quanto as hipóteses do leitor. E esse último só será capaz de perceber isso se assumir uma postura zetética (*Ibid.*, p. 71). O narrador de *Quincas Borba* nos coloca diante da aporia cética, segundo a qual uma escolha não é melhor nem pior do que outra. Mas essa aporia se apresenta a um leitor catarticamente identificado com o desamparo do ser humano (*Ibid.*, p. 77). Desse modo, é verdade, como diz Maia Neto, que o romance *Quincas Borba* também desenvolve um triângulo sentimental, mas nele o homem de espí-rito (Rubião) não adota uma visão cética da vida. Assim, seu fracasso em estabelecer uma relação satisfatória com Sofia faz dele uma personagem problemática que enlouquece. Mas nada autorizaria a concluir, como faz Maia Neto, que, de conformidade com isso, o narrador de *Quincas Borba* é onisciente. Mesmo na terceira pessoa, o narrador pode ser um cético, um dubitativo, um ironista, sem ser onisciente.

Todavia, a aproximação que Elisa Serpa faz entre o narrador de *Quincas Borba* e o ceticismo pirrônico é muito localizada e baseada mais em analogias relativas aos procedimentos envolvidos do que em alguma identidade entre os mesmos. Em primeiro lugar, ela se limita a aproximar o narrador do romance em questão com o pirronismo, deixando de lado o restante da obra de Machado. Em segundo lugar, como ela mesma reconhece, o objetivo último do narrador cético é propiciar ao leitor a contemplação estética do desamparo do ser humano. Para isso, ele não realiza inicialmente uma *zétesis*, mas estabelece deliberadamente uma situação de equipolência interpretativa que força o leitor a uma postura investigativa que, por sua vez, produz a suspensão do juízo. Desse modo, houve uma inversão da ordem das etapas pirrônicas: primeiro, a *equipolência*, depois a *zétesis* e depois a *epoché*. Mais ainda: o objetivo do narrador cético não é a *ataraxia*, mas a contemplação estética da miséria humana.

Se a interpretação acima está correta, então algumas teses de Maia Neto devem ser modificadas. A primeira delas afirma que visão cética da vida exige narração em primeira pessoa pela personagem divorciada do mundo (Maia Neto, 1994, p. 12). A segunda afirma que a existência de uma dimensão reflexiva exige a narração na primeira pessoa e o ato mesmo de assumir a postura de narrador é parte da solução para uma personagem que rejeita a vida social e está buscando uma outra posição. A terceira afirma que uma perspectiva cética exige um ponto de vista restrito que é possível apenas através da primeira pessoa (*Ibid.*, p. 72). Na verdade, *Quincas Borba* constitui uma ilustração da possibilidade de construir uma narração em terceira pessoa pela personagem divorciada do mundo. Desse modo, a dimensão reflexiva não exige necessariamente tal tipo de narração. E o ato de assumir a postura de narrador enquanto parte da solução para aquele que rejeita a vida social e está buscando uma posição alternativa pode também ser realizado através da narração em terceira pessoa. Esse tipo de narração é também compatível com um ponto de vista restrito, oferecendo-se como alternativa viável à narração em primeira pessoa. Convém também observar que o fato de Aires escrever na terceira pessoa já constitui uma indicação de que a narração na

primeira não é tão necessária assim. Além disso, a forma do *memorial*, na fase madura de Machado, por mais que introduza eventualmente as reflexões de Aires, nem sempre se distingue de uma narração tradicional na terceira pessoa. Isso pode ser observado por vezes no *Memorial de Aires*, naqueles momentos em que o narrador Aires se distingue claramente da personagem Aires, e o tempo todo em *Esaú e Jacó*, que explicitamente não foi escrito sob a forma de memorial e sim de romance na terceira pessoa. Desse modo, mesmo na terceira pessoa, o narrador pode fazer indicações da sua criação literária ao comentar os eventos como observador da trama. Como se pode ver, as posturas do narrador Aires e do narrador de *Quincas Borba* são compatíveis com uma visão cética da vida sem que as limitações estabelecidas por Maia Neto estejam presentes.

Desse modo, *Quincas Borba* não constitui necessariamente uma interrupção no desenvolvimento da segunda fase de Machado. O narrador não é onisciente, mas cético, ocupando uma posição semelhante à de Brás Cubas. Na verdade, conforme sugeri antes, o narrador poderia ser o próprio Brás Cubas, desta vez contando não a própria história, mas a de Rubião. E a loucura pode ser vista como ainda constituindo uma opção concreta, mesmo na fase madura. Isso só aumenta a importância de Erasmo na visão machadiana de mundo, tornando necessário um estudo mais detalhado das relações entre os dois autores envolvidos. Além disso, o romance apresenta mais uma vez a crítica ao Humanitismo, no espírito do *Eclesiastes* e de Pascal. Isabel Pires argumenta numa direção semelhante, ao dizer que a duplicidade cultural brasileira está evidenciada no romance (Pires, 2003, p. 110). De acordo com ela, a versão em livro coloca o foco em Rubião, mas a luz que incide sobre a personagem não é reveladora. A maior visibilidade de Rubião implica numa maior obscuridade e maior impenetrabilidade da personagem (*Ibid.*, pp. 112-3, 129). Além disso, o romance *Quincas Borba* pode ser visto como complementar a *Memórias Póstumas*. Isso é confirmado pela presença da personagem Quincas Borba nos dois romances, pela inversão do tema do adultério e pelo espelhamento. No que diz respeito à inversão do tema do adultério, *Memórias Póstumas* conta a estória do amante bem sucedido, enquanto *Quincas Borba* conta a estória do amante que nunca chegou a sê-lo.

Quanto ao espelhamento, Isabel Pires se baseia na interpretação de Roberto Schwarz para mostrar que o confronto interno entre a ideologia liberal européia e a precária realidade brasileira, exposto em *Memórias Póstumas*, encontra seu correspondente no confronto interno entre os valores da Corte e os valores provincianos de Rubião, exposto em *Quincas Borba*. Nessa perspectiva, o romance *Quincas Borba* pode ser considerado não um retrocesso, como pensa Maia Neto, mas um passo importante dado por Machado em direção à maturidade final.

### 3.3. DOM CASMURRO – 1899

Em sua interpretação desse romance, Maia Neto pensa que Bento não está sendo insincero ao afirmar a traição de Capitu, pois ele verdadeiramente tem essa crença, apesar da falta de evidência conclusiva para fundamentá-la. Nessa perspectiva, a crença de Dom Casmurro é o correlato machadiano à fé proclamada pelos céticos fideístas, para os quais o ceticismo é irrefutável e só um ato de fé pode salvar do desespero da dúvida. Por causa disso, Dom Casmurro não é um cético pirrônico em sentido estrito. Afinal de contas, ele acredita que sua mulher o traiu. Mas ele é tão cético quando os fideístas, porque está cômico de que

sua crença não é fundamentada epistemologicamente (*Ibid.*, pp. 126, 127, 143). Nessa perspectiva, ele mostra o quão sem fundamento é sua crença, ou seja, Bento defende a causa filosófica cética segundo a qual as crenças cruciais para a vida são desprovidas de certeza objetiva (*Ibid.*, pp. 126). Isso permite também concluir que Bento não está tentando convencer o leitor a acreditar que Capitu foi infiel. Com efeito, ele argumenta deliberadamente nas duas direções, desqualificando as evidências a favor e contra a hipótese do adultério (*Ibid.*, p. 143). Seu procedimento é eminentemente pirrônico quando ele estabelece equiipolência (*Ibid.*, p. 151).

Ora, em minha interpretação, penso que o romance em questão pode ser descrito como uma tentativa patética de Bento para persuadir, em primeira instância ao leitor e em última e definitiva instância a si próprio, de que sua crença na traição de Capitu é verdadeira. A tentativa é patética porque, à medida que se desenvolve, vai sendo revelada a falta de fundamento epistemológico para a realização da tarefa proposta. Desse modo, fica sugerido ao leitor que Bento decidiu pela infidelidade de Capitu por motivos predominantemente psicológicos, para escapar do desespero da dúvida. Isso tem sérias conseqüências morais: a cruel separação entre ele e Capitu, seguida de um exílio forçado da mesma na Europa, e a mais cruel ainda rejeição do filho Ezequiel por razões que este último não consegue compreender. Pergunta importante nesse ponto: o próprio Bento tem consciência clara do que fez? Provavelmente não, pois ele afirma categoricamente a traição de Capitu em diversos pontos da obra, inclusive no final. O advérbio *provavelmente* precisa ser utilizado aqui porque, em que pese a inflexibilidade da acusação de Bento, o tempo todo o leitor fica com a sensação de que alguma coisa está errada, de que a argumentação não é convincente. Esses elementos indicam que Bento convive freudianamente com dois sentimentos opostos, em dois níveis diferentes de consciência: de um lado, ele acredita conscientemente que Capitu o traiu e que a punição aplicada à mulher e ao filho foi justa; de outro, ele desconfia inconscientemente de que poderia estar errado em sua decisão e que a punição aplicada foi injusta. Esse parece ser o motivo do apelo à criação literária em Dom Casmurro: escrever para justificar não só a decisão tomada, mas também as cruéis conseqüências morais dessa decisão. O resultado é mais uma denúncia extremamente eficaz da miséria e crueldade humanas, no espírito do *Ecclesiastes*.

O quadro acima, porém, descreve a situação do ponto de vista da subjetividade de Bento. Resta a importante pergunta: Capitu traiu ou não? Mesmo sabendo da manobra de Bento, o leitor não tem elementos para decidir a respeito dessa questão. Por um lado, sendo do jeito que é, Bento poderia ter realmente inventado tudo, a partir de sua insegurança. Por outro lado, sendo do jeito que é, Bento poderia ter de fato sido traído por Capitu e seu amigo Escobar. Nesse caso, Ezequiel muito provavelmente não seria seu filho. Mas o segredo está com Capitu, que é absolutamente impenetrável. Mesmo que o texto seja lido como uma tentativa de manipulação por parte de Bento, o leitor não tem elementos para estabelecer que Capitu foi efetivamente infiel. Durante um bom tempo, os críticos de Machado foram persuadidos pelo discurso de Bento e acataram seu veredito, como aconteceu, por exemplo, com Massaud Moisés (1983, pp. 106-110). A primeira autora a levantar dúvidas a esse respeito, na década de 1960, parece ter sido Helen Caldwell, para quem Machado realiza uma apropriação bastante criativa do *Otelo* de Shakespeare (cf. Caldwell, 2002). Mas Caldwell,

para ser consistente com sua interpretação, defende a inocência de Capitu. Alegando que o nome do narrador, *Bento Santiago*, significa *Abençoado Santo Iago*, Caldwell vê nele um como que um Otelo atormentado por um Iago interior. Santiago surge para ela como um homem dilacerado por duas tendências, o ódio brutal, alimentado pelo Iago interior, e a adorável docilidade, alimentada pelo jovem inocente que se apaixonou por Capitu. À medida que a estória se desenvolve, a primeira tendência vence a segunda. O romance descreve, assim, a gradativa transformação do bondoso e dócil Bentinho no ressentido e vingativo Dom Casmurro, com todas as dolorosas conseqüências desse fato. Inadvertidamente, Caldwell faz perceber que, em sua apropriação do enredo shakespeariano, Machado introduz criativamente um elemento de dúvida que não se encontra presente na estória original. Com efeito, o leitor ou o espectador sabe com certeza, no caso da peça de Shakespeare, que Desdêmona é fiel e que Iago consegue diabolicamente persuadir Otelo de sua traição. No caso do romance de Machado, os traços diabólicos de Iago fazem parte da própria personalidade de Bento e Capitu é inescrutável. Desse modo, em que pese a alegação de inocência de Capitu por parte de Caldwell, o leitor não sabe coisa alguma a respeito da real conduta da personagem. O mistério é completo. Mesmo assim, e isso é o que parece contar na interpretação do romance, o retrato da miséria e crueldade humanas continua valendo, qualquer que tenha sido a atitude de Capitu.<sup>2</sup> O retrato pessimista de Dom Casmurro prevalece em todas as leituras. Cabe acrescentar que o que foi dito aqui não esgota as possibilidades interpretativas do romance. Kathrin Rosenfield, por exemplo, pensa que em *Dom Casmurro* também está presente uma análise sutil dos fantasmas masculinos que florescem no contexto do patriarcalismo: o romance poderia ser lido como uma representação dos fantasmas cordiais e as coisas não mencionáveis da opressão patriarcal. Nessa perspectiva, Machado identifica, analisa e ironiza a misoginia patriarcalista, mas ele faz isso com tanta sutileza que o leitor não percebe necessariamente essa crítica implícita. De maneira ambígua, Machado subverte a cordialidade, mesmo quando é cúmplice dela.<sup>3</sup>

Se essa interpretação está correta, então algumas das teses de Maia Neto sobre *Dom Casmurro* precisam ser revistas. Em primeiro lugar, temos a questão do ceticismo sobre outras mentes. O romance introduz esse elemento cético de origem cartesiana pelo viés da influência pascaliana sobre Machado. De acordo com Maia Neto, nas *Memórias Póstumas*, Brás Cubas percebe a dualidade entre a subjetividade e a conduta exterior do ser humano, o que destrói a continuidade entre ambas. Assim, é lógico que o observador, num segundo estágio de sua constituição, perca o acesso à subjetividade das outras personagens. Isso é o que acontece em *Dom Casmurro*, porque nesse romance não pode ser afirmado nem negado que a conduta corresponda às disposições subjetivas correlatas do ator. Maia Neto pensa que esta situação é mais pirrônica do que nas *Memórias Póstumas*.<sup>4</sup> Ora, é certo que a dúvida sobre o que se passa em outras mentes constitui uma forma de ceticismo, mas a compatibilidade dessa dúvida com o pirronismo é uma questão controversa. Rorty, em *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, destaca o fato de que, para Wallace Matson, a principal diferença entre os gregos antigos e os pensadores do s. XVII está na maneira de encarar a separação mente/corpo. Para Matson, os gregos tinham um conceito de mente, mas traçavam a linha de separação entre ela e o corpo de modo a incluir os processos de percepção sensorial do lado do corpo.

Daí a dificuldade de traduzir para o grego antigo a expressão moderna *relação entre a sensação e a mente*. Isso é assim porque a palavra *sensação* foi introduzida na filosofia precisamente para tornar possível falar de um estado de consciência sem ter de comprometer-se com a natureza ou mesmo a existência de estímulos exteriores.<sup>5</sup> Rorty pensa que isso equivale a dizer que não há modo de separar, em grego antigo, *estados de consciência* de *eventos em um “mundo exterior”*. Uma vez feita essa distinção e suas congêneres, a filosofia moderna perdeu o contato com a distinção aristotélica entre a *razão* – que apreende os universais – e o *corpo vivo* – que cuida das sensações e do movimento. Isso tornou necessária uma nova distinção *mente/corpo*, aquela que separa a *consciência* da *não-consciência*.<sup>6</sup> Ora, os céticos pirrônicos, embora estejam distantes temporalmente de Aristóteles, parecem ter mantido a distinção *razão/corpo*, a qual se revela incompatível com o ceticismo sobre outras mentes. De fato, esse último só é possível a partir do conceito de *imanência da consciência*, que não se encaixa na perspectiva dos gregos antigos. Assim, essa interpretação do pensamento antigo certamente torna difícil aceitar que os céticos pirrônicos tivessem alguma noção de “outras mentes” a respeito das quais seria possível exercer alguma forma de “ceticismo”. Rorty concorda com o argumento de Matson e até mesmo o utiliza em sua narrativa da evolução do pensamento moderno. Mas Rorty reconhece que há outros autores, como John Yolton e Michael Frede, que não concordam com essa leitura e que sugerem haver mais continuidades na história da discussão filosófica desses tópicos do que sua própria abordagem em *A Filosofia e o Espelho da Natureza* pode admitir. Pessoalmente, tendo a concordar com Rorty. Mas não é o caso de discutir a questão em detalhe nesse ponto. O que precisa ser destacado é que a afirmação de Maia Neto de que o ceticismo sobre outras mentes é compatível com o pirronismo é controversa e, em virtude disso, não deveria ser usada sem qualificações como elemento de comparação entre Machado e a doutrina helenística. Além disso, mesmo que o ceticismo sobre outras mentes fosse compatível com o pirronismo, a verdade é que ele introduz uma novidade tão grande através dos elementos cartesianos pressupostos que a distância com respeito à doutrina de Sexto se torna maior do que a proximidade sugerida por Maia Neto.

Em segundo lugar, temos a suposta *aphasia* de Dom Casmurro. De acordo com a interpretação que estou propondo, *casmurro* não significa necessariamente *afásico*, no sentido de Sexto. Com efeito, embora o próprio Machado use *casmurro* para designar o indivíduo “calado e metido consigo”, a personagem está tentando dizer alguma coisa, está tentando fazer uma afirmação importante, mas fracassa sem reconhecer o próprio fracasso, mantendo sua decisão até o final. A adoção da postura de *casmurro* tem, aqui, o sentido de ficar calado com relação aos outros, em virtude do afastamento do convívio social. Mas isso não implica em ficar absolutamente calado, pois o envolvimento consigo mesmo pode incluir uma auto-reflexão bastante intensa, sob a forma de um diálogo de si para si. E não apenas isso, pois o indivíduo metido consigo mesmo pode apelar para a criação literária, escrevendo suas memórias. Assim, o *casmurro* machadiano pode ser uma pessoa que fala pouco com seus eventuais interlocutores no mundo social exterior, mas que fala muito consigo mesmo e com o leitor de sua obra literária.

Em terceiro lugar, temos o problema da defesa feita por Bento da causa cética de que nossas crenças mais cruciais são desprovidas de fundamento. Para Maia Neto, ele realiza isso

através do procedimento pirrônico de estabelecer equipolências à medida que avança em seu relato. Ora, para assim agir, Bento teria de ter consciência clara do que está fazendo. Mas não há indicações no texto de que Bento saiba disso, dada a sinceridade de sua crença na traição de Capitu. Assim, para que a tese de Maia Neto seja verdadeira, Bento teria de utilizar inconscientemente um procedimento pirrônico para defender uma causa cética da qual ele também não teria consciência. E mesmo que Bento tivesse consciência do que está fazendo, ele não poderia ao mesmo tempo defender a causa cética de que nossas crenças cruciais são desprovidas de fundamento e acreditar sinceramente que Capitu o traiu. Além disso, Bento estaria assim mostrando que *sua crença crucial particular* na traição de sua mulher é desprovida de fundamento, não que *toda crença crucial* seja desprovida de fundamento. Sob esse aspecto, Maia Neto parece ter realizado uma generalização indevida.

Em quarto lugar, temos a aproximação da atitude de Bento com o fideísmo. Ela me parece questionável. O fideísta, por um lado, é um pensador que está resolvendo uma questão filosófico-existencial específica. Nesse sentido, ele tem clara consciência de que recorre à fé para escapar do desespero da dúvida. O apelo a uma decisão voluntária é consciente e fundamentado na incompetência da razão humana para resolver o problema que angustia o fideísta. E o salto da fé é capaz de redimi-lo de maneira bastante completa. Bento, por outro lado, não parece saber conscientemente que decidiu sem fundamento. Foram razões psicológicas profundas que o motivaram a decidir-se pela traição de Capitu e a aplicar as punições correspondentes a ela e ao filho Ezequiel. Mas o máximo que Bento consegue é um falso alívio. Com efeito, sua atitude gera nele mesmo um sentimento de insatisfação existencial que a criação literária pode no máximo mitigar, mas nunca eliminar. Poder-se-ia até dizer que uma parte significativa do pessimismo e da misantropia de Dom Casmurro decorrem desse sentimento de insatisfação. Seu drama possui conotações de tipo freudiano que não se acham presentes no caso do fideísta – ou, mais rigorosamente, que pelo menos não se achem presentes da mesma forma no caso do fideísta. São essas conotações que explicam a postura ambivalente de Bento no romance: ao mesmo tempo em que argumenta no sentido de justificar a traição de Capitu, ele estabelece inúmeras *equipolências* que impedem a conclusão desejada. Bento tenta convencer o leitor de que Capitu foi infiel, mas seu relato ambíguo desmascara o fracasso miserável de sua tentativa de convencer o leitor e a si próprio. Diferentemente do que ocorre no caso do fideísta, não há qualquer redenção nesse procedimento. Isso revela a miséria humana, numa concepção que se baseia no *Eclesiastes* (pessimismo que gera ceticismo) e que, por um lado, se aproxima de Pascal, enquanto este último também toma o mesmo texto bíblico como referência, mas que, por outro, se afasta desse autor enquanto não adota o salto da fé. Nessa perspectiva, a metáfora da vida como uma ópera escrita a duas mãos por Deus e por Satã não só reflete a dualidade e a ambivalência da personalidade de Bento e do mundo, mas também aponta na direção do pessimismo cético de Machado que encontra alívio na criação estética.

### 3.4. ESAÚ E JACÓ – 1904

Nesse romance, somos apresentados ao personagem mais maduro de Machado, José da Costa Marcondes Aires, o Conselheiro Aires. Num texto inicial, denominado *Advertência*,

ficamos sabendo que, quando do falecimento dessa personagem, foram encontrados sete cadernos manuscritos de sua autoria. Os seis primeiros estavam devidamente numerados e constituíam um diário de lembranças, um *Memorial* que o conselheiro escrevia desde muitos anos. O sétimo não fazia parte da numeração e trazia o título de *Último*. Os motivos da escolha de tal título permanecem desconhecidos. No Capítulo XII de *Esau e Jacó*, somos finalmente apresentados a Aires. Ali, ficamos sabendo que era um diplomata de carreira, que tinha chegado do Pacífico para uma licença de seis meses. Extremamente cordato, pouco vaidoso, gostava muito das mulheres, principalmente das bonitas. Aires se casou apenas porque seu trabalho como diplomata o exigia. As diferenças de temperamento eram tão grandes que ele viveu com sua mulher como se estivesse sozinho e, quando ela morreu, deixando-o viúvo, não sentiu a falta dela, em virtude de sua disposição de solteiro. No Capítulo XXXII, ficamos sabendo que Aires se aposentou. De início, tentou viver recluso, mas cansou-se da solidão e resolveu retomar o contato com as pessoas, convivendo com elas e observando-as. A partir deste momento, ele adotou uma postura de vida que consiste em conviver desapeadamente com os seres humanos, contemplando esteticamente os seus dramas.

Em sua análise da evolução da ficção machadiana, Maia Neto não enfatiza muito o romance *Esau e Jacó*. De qualquer modo, as suas afirmações sobre essa obra são as seguintes. Em primeiro lugar, há uma mudança de ênfase, da cognição para a estética, quando passamos de *Esau e Jacó* para o *Memorial de Aires*. Flora surge como inexplicável, mas os gêmeos Pedro e Paulo permitem a Aires estabelecer uma relação cognitiva que simboliza a equipolência pirrônica. Assim, enquanto o ceticismo moral é o foco de *Memórias Póstumas* e o ceticismo sobre outras mentes é o foco de *Dom Casmurro*, as crenças sobre política são o alvo principal do ceticismo de Aires em *Esau e Jacó*. As crenças políticas dos gêmeos são opostas e eles são irreconciliáveis. A equipolência dos gêmeos simboliza a equipolência de suas opiniões.<sup>7</sup> Ao suspender o juízo a respeito do debate dos gêmeos e ao seguir as regras normais da vida, a atitude de Aires se encaixa nas regras práticas pirrônicas. Ele respeita a tradição, adota como arte a criação literária e é guiado pela natureza (ele percebe, tem sensações e pensa).<sup>8</sup>

Ora, *Esau e Jacó* parece oferecer mais elementos do que os apontados por Maia Neto para a compreensão da obra de Machado. Inicialmente, vale a pena observar que o *status* desse romance é indefinido. É certo que Aires é uma das personagens mais importantes e que o texto foi escrito na terceira pessoa. Mas não é certo que se trate de um *memorial*, no sentido estabelecido por Maia Neto.

O fato de vir intitulado como *Último* e de apresentar uma estória diferente sugere que poderia ser um romance inventado pelo próprio Aires. Nesse caso, teríamos uma espécie de sonho da personagem, que poderia ser interpretado de acordo com a discussão feita na seção seguinte, sobre o *Memorial de Aires*. Isso será considerado mais adiante. No momento, basta indicar que não constitui um ponto pacífico atribuir o caráter de *memorial* a *Esau e Jacó*, como faz Maia Neto.

Além do ponto que acabei de mencionar, a leitura de *Esau e Jacó* oferece possibilidades interpretativas que ajudam a esclarecer a perspectiva cética de Machado. Para justificar minha afirmação, vou recorrer a Stephen Hart, que oferece uma instigante interpretação

de *Esau e Jacó*, alegando que se trata de um romance complexo e muitas vezes negligenciado pela crítica.<sup>9</sup> Ele se baseia numa metáfora utilizada por Aires para descrever a relação entre o autor e o leitor. De acordo com ela, o leitor verdadeiramente ruminador possui quatro estômagos em seu cérebro, os quais ele usa para passar e repassar os eventos, até deduzir a verdade oculta.<sup>10</sup> Com base nela, Hart oferece uma interpretação do romance que ao mesmo tempo possui quatro níveis e mantém o ingrediente importante do narrador não confiável. A partir das interpretações existentes, Hart acredita que quatro abordagens distintas de *Esau e Jacó*, embora sobrepostas, podem ser identificadas:

- 1) a abordagem mítica (Eugênio Gomes): os dois gêmeos reapresentam as narrativas bíblicas de Esau e Jacó, no Velho Testamento, e de Pedro e Paulo, no Novo Testamento, assim cumprindo a profecia descrita no Capítulo I;
- 2) a alegórica (Eugênio Gomes, Danúbio Rodrigues): as vidas de Pedro e Paulo representam o drama do nacionalismo brasileiro em seu avanço da monarquia para a república (como nenhum dos gêmeos fica com Flora, o romance se torna uma alegoria da fracassada experiência política tanto da monarquia como da república no Brasil do s. XIX);
- 3) a cética (Maia Neto): Aires descreve os vários significados míticos e alegóricos descritos em 1 e 2, mas não dá crédito a eles;
- 4) a abordagem do *roman à clé* (Stephen Hart): o romance não é propriamente sobre a luta entre Pedro e Paulo pelo amor de Flora, mas antes a estória oculta do caso amoroso não confessado entre Aires e Flora. O romance faz alusões a um terceiro homem, que seria aquele a quem Flora verdadeiramente ama, mas cuja identidade morre com ela. Isso abre o seguinte leque de possibilidades interpretativas: a) Aires ama Flora, mas sem o saber, confundindo seu amor com sentimentos paternos; b) Flora ama Aires, mas sem confessar seus sentimentos e por isso morrendo de causas misteriosas; c) Aires e Flora se amam, mas o texto envolve um disfarce deliberado da relação entre ambos.<sup>11</sup>

Segundo Hart, cada um dos quatro níveis pode ser justificado por uma rede de alusões. Assim, o mistério final da novela está em que esses quatro níveis de interpretação se excluem mutuamente – especialmente os dois últimos em comparação com os dois primeiros – deixando o leitor em um estado de suspensão. Penso que talvez fosse melhor caracterizar esse estado como de *equipolência interpretativa*, pois a suspensão vem depois e depende do leitor. De qualquer modo, Hart parece ter razão, quando conclui que, para o leitor que rumina, *Esau e Jacó* permanece não digerido.<sup>12</sup>

Seguindo o espírito dessa interpretação, que me parece bastante adequada à ficção de Machado, faço as seguintes objeções às teses de Maia Neto sobre *Esau e Jacó*. Em primeiro lugar, não parece propriamente existir, nesse romance, uma ênfase no elemento cognitivo que permita a Aires estabelecer uma relação que simbolize a equipolência pirrônica quanto às crenças políticas. A inexplicabilidade de Flora, por exemplo, que é reconhecida por Maia Neto, constitui um elemento importante no romance, merecendo uma consideração maior do que lhe foi dada. Além disso, a descrição do mergulho da moça no infinito, quando tocando piano, oferece elementos



cruciais para uma melhor compreensão da atitude estética de Machado. Desse modo, a ênfase no elemento estético também está presente em *Esau e Jacó*, e de um modo tal que parece incorreto afirmar a predominância ali do elemento cognitivo. Essa idéia é reforçada quando nos lembramos de que o romance, em virtude de seu *status* ambíguo, não é classificado na mesma categoria que os demais cadernos que constituem o *Memorial*. Esse ponto será comentado na próxima seção. Em que pese o fato de Aires suspender o juízo a respeito do debate dos gêmeos, o aspecto cognitivo não constitui necessariamente a parte mais significativa do romance.

Em segundo lugar, ao suspender o juízo a respeito do debate dos gêmeos e ao seguir as regras normais da vida, a atitude de Aires não parece encaixar-se propriamente nas regras práticas pirrônicas, como alega Maia Neto. É verdade que Aires respeita a tradição, adota como arte a criação literária e é guiado pela natureza. Todavia, também é verdade que a adoção da criação literária como arte, ao menos na perspectiva machadiana, não faz parte da lista das regras práticas pirrônicas. Além disso, Aires não está adotando essas regras práticas com o objetivo de atingir alguma forma de ataraxia. A sua meta é a contemplação estética do drama das pessoas com as quais ele convive mais diretamente. Ela envolve a contemplação do drama de Natividade, da disputa dos gêmeos e do dilema de Flora. Vista da perspectiva do pessimismo cético, a condição miserável dessas personagens é evidente, mas Aires encontra uma saída na contemplação da sua bela forma. Considerada em seu conjunto, a postura de Aires não é pirrônica, embora possua alguns traços da escola de Sexto. O uso de categorias pirrônicas para analisar essa postura não é recomendável aqui.

Em terceiro lugar, conforme já foi mencionado, o romance *Esau e Jacó* representa um exemplo de narrativa cética possível na terceira pessoa. No caso dos primeiros seis volumes dos cadernos de notas que constituem o *Memorial de Aires*, temos efetivamente um diário de lembranças, que, embora escrito na terceira pessoa, possui o caráter de um testemunho de vida e satisfaz assim as exigências de Maia Neto. No caso, porém, do sétimo caderno, enigmaticamente intitulado *Último*, não temos necessariamente um depoimento pessoal. Poderíamos ter aqui uma obra de ficção, cujo estatuto epistemológico permanece indeterminado. Mesmo assim, estamos diante de uma narrativa cética na terceira pessoa.

### 3.5. 1908 – MEMORIAL DE AIRES – 1908

Segundo Gumbrecht, esse romance foi obscurecido pelos anteriores de Machado, embora seus leitores sempre pareçam concordar quanto à sua soberba qualidade.<sup>13</sup> O segredo da grandeza do romance está em sua forma de memorial, que proporciona ao seu autor ficcional, o Conselheiro Aires, o *status* de verdadeiro herói do livro.<sup>14</sup>

Embora se mantenha a uma segura distância psicológica de seus semelhantes e alegue ter-se aposentado para crer na sinceridade dos outros, deixando as desconfianças para os que ainda se encontram na ativa, Aires é um autor não confiável.<sup>15</sup> Ele tem o hábito de retornar às suas observações anteriores, revisando-as e comentando-as. Além disso, afirma que, embora esteja escrevendo, não tem coisa alguma sobre o que escrever: seus escritos são “páginas de vadição”. Aires se revela um mestre na arte de dar forma ao curso lento de seu cotidiano e aos conceitos com os quais reflete sobre esse cotidiano. Sua vida é solitária, sem mulher e sem filhos. Só o passar do tempo parece afetá-lo.<sup>16</sup>

Apesar disso, o romance apresenta uma desolação pacífica. O *Memorial de Aires* é um romance terno sobre ilusões perdidas, ilusões nas quais Aires e os Aguires nunca acreditaram inteiramente.<sup>17</sup> No final, depois de abandonados por Tristão e Fidélia, o casal Aguiar só encontra consolo na saudade do passado. Em outras palavras, eles encontram consolo na memória de sua felicidade passada, que – eles o sabiam – estava perdida para sempre. Com o romance, Machado oferece ao leitor a possibilidade de apreciar como bela a dor de seus protagonistas. Essa possibilidade não tem coisa alguma de cínico, porque ela só pode basear-se na identificação do leitor com a dor dos protagonistas.<sup>18</sup>

Aires é um observador de segunda ordem, ou seja, ele observa a si próprio no ato de observar. Todavia, se o observador de segunda ordem descobre que cada representação do mundo depende da perspectiva do observador e que existe uma infinidade de perspectivas, Aires consegue dominar a complexidade desse observador potencial. Com efeito, ele quer confiar nas pessoas, quer ver o mundo da maneira que se espera que um diplomata aposentado o veja e, acima de tudo, ele encontra consolo na percepção de que a visão de mundo de seus seus amigos, os Aguires, converge com a sua.<sup>19</sup>

Num outro viés interpretativo, Pedro Meira Monteiro pensa que a crítica de Machado tem oscilado ultimamente entre considerá-lo ora como autor engajado ora como desengajado, dividindo-o em dois. De um lado, teríamos o Aires comprometido com os problemas de seu tempo; de outro, o esteta que se delicia em penetrar os aspectos mais delicados da psicologia humana.<sup>20</sup> Como representantes da primeira tendência, teríamos Roberto Schwarz, John Gledson e Sidney Chalhoub. Como representantes da segunda, teríamos Gilberto Passos e Alfredo Bosi.<sup>21</sup> Em oposição a isso, Monteiro propõe que nos afastemos dessa divisão entre os críticos e evitemos ver Machado ou como uma coisa ou como outra. Assim agindo, veremos que *compromisso* e *indiferença* formam um par inseparável na prosa de Machado. Isso nos possibilitará ver como o “interesse” em nosso autor pode revelar-se exatamente onde ele parece mais inacessível, mais escondido, mais etéreo.<sup>22</sup>

Aplicando essa perspectiva ao *Memorial de Aires*, podemos ver inicialmente que o sentimento proporcionado pelo romance é de reclusão e quase descrença com respeito ao tumulto do mundo. E é a música que parece permitir o afastamento e o esquecimento do mundo.<sup>23</sup> Isso ocorre quando Aires descreve o momento em que Fidélia, tendo recebido uma carta de Tristão, começa a tocar piano, enviando pedaços de sua alma para a eternidade. Cena semelhante já tinha sido descrita em *Esau e Jacó*, quando Flora toca piano no dia seguinte ao da queda de D. Pedro II. Aqui também o presente se dissolve numa fruição ideal, despejando a alma da moça na linha do tempo, para, finalmente, anulá-lo.<sup>24</sup> Paradoxalmente, os próprios sons enquanto sensações do corpo humano podem nos levar às maiores alturas do enlêvo, fazendo com que entremos em contato com aquela música interior que é simultaneamente silêncio e harmonia.<sup>25</sup>

Esse silêncio, também paradoxalmente, pode trazer de volta o rebuliço do mundo, agora através de um contraste mais audível do que nunca. É dessa tensão que um duplo significado pode surgir, um relativo ao mundo que foi deixado e outro relativo à música silenciosa que está deixando o mundo.<sup>26</sup> Nessa perspectiva, Fidélia e Flora ao piano ilustram aqueles momentos raros e furtivos em que é possível simultaneamente sair fora do tempo e permanecer

ligado a ele. Eis aí a dialética entre o *compromisso* e a *indiferença* que, segundo Monteiro, caracteriza a ficção de Machado.

A tensão descrita acima nos coloca num jogo de contrastes em que a simulação do eterno permite compreender a vaidade da história humana. Esse processo envolve uma troca abrupta de registros, em que a dúvida a respeito do tempo presente é substituída pela certeza perturbadora de que o presente é tudo o que temos. Assim, lançamo-nos das alturas da metafísica para a observação cética da fisicalidade das paixões dos homens, que se movem no momento histórico.<sup>27</sup>

Os sonhos de Aires também ilustram muito bem o processo acima descrito. Num deles, ele recebe a indiscreta visita de Fidélia pela manhã, em sua sala de estar. Ela lhe pede um conselho: deveria casar-se ou permanecer viúva? Aires lhe responde que a viuvez não lhe convinha e que ela deveria casar-se com ele. Fidélia confessa então que era esse o seu desejo. Aires toma as mãos dela e a fita seus olhos, tão penetrantemente que atravessa seu corpo e toda a cena, acabando por encontrar o rosto do seu criado José, a única pessoa que realmente se achava no quarto.

No mesmo instante, um vendedor grita na rua: “vai vassouras! espanadores!”<sup>28</sup> Temos aqui, novamente, a mesma tensão entre o sair fora do tempo e o encontrar-se preso no tempo, entre a indiferença e o compromisso.

Desse modo, o narrador dos dois últimos romances de Machado é alguém que desaparece no espaço rarefeito da escrita. Aires é um *aprendiz de morto*, tal como o definiu José Paulo Paes.<sup>29</sup> E isso permite concluir que Machado constrói uma literatura moralista que, enquanto tal, lança um olhar crítico que esconde a si próprio nas frestas do tempo.<sup>30</sup> Machado exige uma leitura que leve em conta os aspectos históricos que informam e moldam sua prosa, em um jogo de esconder e revelar através do qual a própria história é contada. Seu texto é uma malha entretecida de diálogos com seu tempo e com a literatura de todos os tempos.<sup>31</sup>

Ora, penso que as interpretações de Gumbrecht e Monteiro não são opostas, mas se complementam. Os aspectos epistemológicos da postura de Aires, tais como apresentados por Gumbrecht, podem ser aplicados à dialética do compromisso e da indiferença, tal como apresentada por Monteiro. A conjunção desses elementos revela que a interpretação do *Memorial* vai além de suas remotas ligações com o pirronismo de Sexto Empírico.

Com base nessa chave interpretativa, pode-se fazer a seguinte avaliação das teses de Maia Neto a respeito do *Memorial de Aires*. Em primeiro lugar, nem a postura nem a visão de mundo airesiana são pirrônicas em sentido estrito. Como já foi mencionado, Aires gostaria de escrever uma moderna versão do *Eclesiastes*. Isso revela que a personagem de Machado defende uma filosofia da finitude e da vaidade, condizente com uma forma de pessimismo cético que não é pirrônico. Esse pessimismo cético possui caráter melancólico e se desenvolve a partir da observação estética da conduta de Fidélia. Tal observação estética não deve ser confundida com um estudo “empírico” de Fidélia, que seria característico de uma postura pirrônica, como propõe Maia Neto. Além disso, as semelhanças entre a postura cética de Aires e o pirronismo são apenas indiretamente explicáveis através das semelhanças entre Aires e Montaigne, o cético renascentista cujas ligações com o pensamento do ibérico Francisco Sanches são muito maiores do que se poderia pensar à primeira vista. Desse modo, é

possível rastrear ligações entre Machado e o pessimismo cético presente tanto na Península Ibérica como no Brasil Colonial. Como já argumentei antes, os ecos pascalianos e montaignianos no pensamento machadiano são melhor explicados pelas afinidades que todos os autores envolvidos têm com o pessimismo cético de origem ibérica, que encontra sua melhor expressão em Sanches e que coloca Erasmo numa posição privilegiada para a compreensão de Machado.

Em segundo lugar, a solução estetizante de Aires não é pirrônica no sentido proposto por Maia Neto, ou seja, no sentido de definir uma vida que pode ser vivida sem crenças. Aires possui a crença fundamental de que a condição humana é miserável e sem solução. É essa crença pessimista que o leva ao ceticismo de considerar vaidosa e fútil qualquer tentativa de obter algum conhecimento seguro sobre a existência humana. Ora, é justamente esse tipo de pessimismo cético que Machado admitiu na crônica de *A Semana*, mencionada anteriormente. Além disso, diferentemente dos pirrônicos, Aires não está buscando obter a ataraxia sem sacrifício da vida prática, como afirma Maia Neto. É verdade que Aires é um aposentado desapegado que interage com outras pessoas e que recorre à criação literária para mitigar seu sofrimento. É também verdade que a interação de Aires com Fidélia envolve o abandono do interesse por ela e a transformação progressiva do autor do memorial num esteta. Desse modo, a vida prática não está sendo sacrificada, pelo menos enquanto um velho diplomata aposentado ainda tem uma “vida prática”. Mas o que Aires busca não é a paz de espírito atarácica, e sim a contemplação estética da miséria humana que ele vê através de seu pessimismo cético. Embora o estetismo de Aires seja consistente com a atitude cética, como afirma Maia Neto, tal estetismo não faz parte dessa atitude e não pode ser confundido com ela. Acima de tudo, Aires quer desfrutar as belas passagens da ópera descrita por Bentinho. Nessa perspectiva, ele não mantém propriamente uma postura teórica, mas sim estética, e, além de ser afetado pelas aparências da vida social, ele também é esteticamente perturbado por elas. Afinal de contas, o relato de Aires, no *Memorial*, termina de maneira irônica e pessimista, não atarácica, indicando inclusive uma seleção filosófica das observações e impressões, diferentemente do que alega Maia Neto em sua interpretação.

Em terceiro lugar, a importante aproximação que Maia Neto faz entre Machado e Kierkegaard, no que diz respeito à solução do problema de saber como pode o cético viver seu ceticismo precisa de qualificações. De acordo com Maia Neto, a síntese entre uma visão cética e uma visão estética de vida foi feita uma geração antes de Machado por Kierkegaard, particularmente na obra *Ou... ou...* Essa síntese seria uma resposta prática ao dilema do ceticismo. Embora com objetivos radicalmente diferentes, Mário Vieira de Mello também faz uma aproximação entre Machado e o estetismo, tal como definido por Kierkegaard. Isso dá a impressão de que realmente deve haver alguma coisa nos autores envolvidos que permita a aproximação entre eles. Ora, acontece que essas aproximações dependem de interpretações não muito condizentes com o espírito da filosofia kierkegaardiana. Com efeito, tal filosofia envolve um conflito dialético entre o princípio estético e o princípio ético, conflito esse que encontra uma solução no princípio religioso. A pessoa que vive de acordo com o princípio estético desconhece a a moralidade e vive apenas o aspecto superficial da vida. Ela é representada pelo sedutor, que, em virtude de sua postura,

torna-se vítima de uma profunda insatisfação existencial, que exige a passagem para o princípio ético. A vida de acordo com esse último é representada pelo casamento, que envolve trabalho e responsabilidade. Mas a racionalidade ética também se revela vazia e gera igualmente uma profunda insatisfação existencial. A única solução possível está na adesão irracional a Deus através da fé cristã. É o que acontece com Abraão, que, tendo recebido de Deus uma ordem absolutamente imoral para imolar seu filho Isaac, tenta cumpri-la rigorosamente, pois sua fé lhe dá a confiança que sua razão não pode lhe dar. Sua fé cega em Deus é que consegue redimi-lo.

A partir desse resumo esquemático, pode-se ver que o estetismo de Machado não corresponde ao princípio estético de Kierkegaard, embora apresente alguns traços em comum com ele. A contemplação estética da bela forma da miséria humana inclui uma dimensão ética que não está presente no princípio estético, mas no ético. Além disso, essa contemplação não gera insatisfação existencial, como no caso do esteta kierkegaardiano. Ela está também muito próxima da matriz de pensamento de caráter cético-estóico-salvacionista que identifiquei na visão de mundo do Período Colonial de nossa história. Nessa matriz, a solução do conflito entre as dimensões pública e privada se dá através do apelo à transcendência. Isso faz supor que a solução machadiana tem mais afinidades com o princípio religioso kierkegaardiano, enquanto esse último constitui a superação do conflito entre os princípios estético e ético. Nessa perspectiva, a aproximação que Maia Neto faz entre Machado e Kierkegaard para justificar a presença de elementos pirrônicos no pensamento do primeiro seria inadequada. E a aproximação que Vieira de Mello faz entre Machado e Kierkegaard para justificar a presença de elementos meramente estetizantes no pensamento do primeiro, sem a contrapartida de uma postura ética, seria também equivocada.

#### 4. APRESENTAÇÃO DE UMA INTERPRETAÇÃO ALTERNATIVA: O PESSIMISMO CÉTICO DE MACHADO E SUA EXPRESSÃO LITERÁRIA

A partir da discussão acima, podemos tirar as seguintes conclusões a respeito da visão de vida de Machado e sua expressão literária. Como vimos, ele adere explicitamente a alguma forma de ceticismo, embora haja alguma controvérsia a respeito da natureza exata de tal perspectiva. A argumentação de Maia Neto a favor da tese provocativa de que o ceticismo de Machado partilha alguns traços básicos com o pirronismo está muito bem formulada, mas procurei mostrar por que não posso concordar com ela. E a discussão feita até esse ponto me permite avançar uma interpretação alternativa sobre a maneira pela qual Machado dá expressão literária à sua visão de mundo.

Em primeiro lugar, como já foi dito, Machado é, acima de tudo, um pessimista com respeito à existência humana. Ele a vê com os olhos do *Eclesiastes*, ou seja, ele pensa que não há nada de novo sob o sol e que tudo é vaidade. Isso envolve uma perspectiva moralista na avaliação da vida humana. Essa última é vista negativamente porque sofre de uma radical falta de perfeição. Daí o trocadilho machadiano de sentido profundamente filosófico, quando ele afirma, em *Memórias Póstumas*, que o autor “escreve usando a pena”. A *pena*, aqui, não é apenas a caneta com que se escreve, mas também, e principalmente, o *sofrimento*

*humano*. E o pessimismo de Machado com respeito à vida humana é que o leva a adotar uma posição cética, do mesmo modo que parece ocorrer no *Eclesiastes*. Essa visão pessimista que leva ao ceticismo já se encontrava presente na cultura brasileira desde o Período Colonial, como se pode ver pela comparação com a matriz cético-estóico-salvacionista. Como mencionei, as influências de Montaigne e Pascal sobre Machado deveriam ser entendidas mais como confluências com uma visão de mundo já existente, que encontra suas origens no pensamento de Francisco Sanches. Por esses motivos, a visão de vida machadiana poderia ser descrita como um *pessimismo cético* e não como um *ceticismo pessimista*. Nesse ponto, convém lembrar que, numa demonstração de coerência para com seu pessimismo cético, Machado também faz a crítica do Humanitismo, expressando assim suas dúvidas relativas aos sistemas filosóficos projetados otimisticamente para explicar a existência humana nesse mundo. Isso teria de acontecer, porque as dúvidas de Machado se aplicam às pretensões extremamente ambiciosas dos metafísicos, em sua busca pela explicação de tudo.

Em segundo lugar, Machado supera o sofrimento causado pela sua visão pessimista-cética apelando a uma forma de criação literária muito peculiar. Como um remédio contra a miséria humana, ele oferece a contemplação estética da bela forma da miséria humana. Mas é preciso esclarecer de que modo isso é feito. De acordo com a visão de mundo de Machado, a realidade é multifacetada e enigmática. Ora, a expressão literária adequada desses traços exige um texto que seja simultaneamente multifacetado e enigmático. Para realizar essa tarefa, Machado recorre aos subterfúgios de retratar as personagens de maneira dúbia e de não contar tudo nos seus romances. O resultado é que o leitor nunca consegue obter toda a informação de que precisa para decidir se uma certa interpretação é correta ou não. Esse procedimento se aplica a todas as personagens machadianas, mas principalmente às femininas. Na ficção de Machado, as mulheres são multifacetadas e enigmáticas e por isso mesmo, como sugere Maia Neto, podem ser vistas como metáforas da realidade. Isso, porém, envolve uma variedade de maneiras possíveis de interpretar a realidade e sua contrapartida metafórica, as mulheres. O romance machadiano oferece, por isso, uma espécie de polissemia que lhe confere certa impenetrabilidade. Isso significa que, ao contrário da alegação de Maia Neto, Aires não teria passado do ceticismo negativo (nem um nem outro) para o construtivo (um e outro). Com efeito, a postura construtiva está presente em toda a ficção de Machado e constitui marca registrada da segunda fase, desde o aparecimento de *Memórias Póstumas*. Assim, a polissemia de *Esau* e *Jacó*, acima indicada, não constitui um fenômeno isolado na ficção de Machado. Como se pode inferir da discussão feita a respeito de cada um dos romances da segunda fase, a multiplicidade interpretativa que essa polissemia gera pode ser aplicada a todos eles. No final das contas, todos os romances da segunda fase admitem diferentes leituras em diferentes níveis – e por vezes tais leituras são mutuamente excludentes. Isso é bastante perceptível na segunda fase da sua ficção. Aqui, os narradores são sempre contingentes, historicamente licalizados e, acima de tudo, pouco confiáveis. Mesmo assim – e esse talvez seja o ponto crucial para entender Machado – cada um desses níveis de leitura é consistente com a visão pessimista-cética da vida humana. É como se Machado quisesse mostrar que nossa condição miserável é a mesma e possui uma bela forma sob qualquer leitura possível. Convém lembrar aqui a metáfora da ópera em *Dom Casmurro*: composta

em parceria de Deus com o Diabo, ela traz em seu interior uma contradição insuperável que a torna miserável. Mesmo assim, possui um valor estético enquanto obra de arte. Para Machado, a contemplação estética da miséria humana é a única saída para o nosso sofrimento nesse mundo. Ele não é religioso e portanto não pode oferecer uma conexão com um Deus transcendente como um remédio para a nossa miséria. A única coisa que ele oferece ao leitor são os momentos fugitivos em que ele é capaz de abandonar a contingência deste mundo e entrar em contato com a beleza. Nesses momentos, consegue-se atingir um domínio que está “fora” do tempo, embora permaneça dentro do tempo. As analogias entre essa perspectiva estética e a metafísica do belo em Schopenhauer são bastante evidentes: a) a contemplação da bela forma do sofrimento humano se obtém a partir de uma atitude *desinteressada*; b) essa contemplação não aspira a uma eternidade substancial, mas à eternidade do olhar mergulhado na contemplação do objeto sem paixões; c) o desinteresse envolve uma espécie de desapego quase místico, que nos permite compreender a beleza das mulheres sem desejá-las; d) a arte em geral e a música em particular permite um desligamento do mundo fenomênico, transportando-nos do instante fugaz para o eterno presente. Sabemos que Machado leu Schopenhauer, mas não temos conhecimento do grau em que as idéias desse último o influenciaram. E seria muito problemático afirmar que Machado tenha assumido a metafísica da vontade como essência do mundo, a teoria das idéias como objetivações da vontade no mundo fenomênico ou a ética da redenção através da negação da vontade. Com efeito, a crítica de Machado ao Humanitismo parece incluir facilmente em seu bojo uma crítica à metafísica da vontade e suas possíveis objetivações. Além disso, o fato de Machado não possuir uma visão religiosa da vida com muita probabilidade o afastaria da ética da negação da vontade e suas proximidades com o misticismo. Mesmo assim, há diversos aspectos da filosofia schopenhaueriana que encontram eco no pensamento de Machado, como, por exemplo, a visão trágica da existência, o pessimismo com respeito à vida, a tentativa de viver desapeadamente neste mundo, uma reavaliação da loucura em suas afinidades com a genialidade e a busca de uma redenção provisória na contemplação estética que se acha fora do tempo.

Em terceiro lugar, o pessimismo cético de Machado encontra um tom inteiramente adequado através do apelo a uma forma de ironismo, que se revela um aspecto crucial dessa visão de vida. Na fição de Machado, o ironismo surge como uma postura ético-filosófica com relação à vida, que auxilia a revelar as falhas na conduta humana. A caracterização da ironia, feita pelo próprio Machado em *Teoria do Medalhão*, é bastante ilustrativa do que ele entende a respeito:

“[...] esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados”.<sup>32</sup>

O ironismo machadiano parte do pressuposto de que não há nada de novo debaixo do sol e se articula com a criação literária, num espírito recomendado por Rorty, quando ele afirma que os textos literários são mais adequados do que os filosóficos para expressar nossas visões de mundo. Pelo menos no caso de Machado, o pessimismo cético e sua expressão

polissêmica são melhor alcançados quando se assume um tom irônico, no qual todas as tentativas humanas de transcender as nossas limitações mundanas são descritas como ridículas e fracassadas.<sup>33</sup>

Nessa perspectiva, parece que a influência de Erasmo no pensamento de Machado é maior do que se tem admitido até agora. Numa atitude bastante próxima daquela dos ibéricos renascentistas, Erasmo tentou colocar o humanismo a favor da renovação da Igreja Católica, sem romper com ela. Mas na disputa entre Lutero e a Igreja, Erasmo procurou manter-se numa ambígua posição de neutralidade, que lembra a atitude de Machado na segunda fase. No *Elogio da Loucura*, Erasmo critica a filosofia aristotélico-escolástica, que ele compara a um doce delírio, no qual são elaboradas explicações fracassadas para absolutamente tudo. Os filósofos aristotélico-escolásticos nada sabem, mas agem como se soubessem de tudo. Erasmo pensa que a tarefa da filosofia é o *conhece-te a ti mesmo*, num espírito que associa a postura de Sócrates à sabedoria cristã de vida. Essa última não precisa de silogismos complexos, pois pode ser alcançada com auxílio apenas dos *Evangelhos* e das *Cartas* de S. Paulo. Assim, para Erasmo, a grande tarefa de regeneração religiosa que se impõe em sua época é a eliminação de tudo aquilo que a Igreja e as disputas escolásticas acrescentaram indevidamente à simplicidade das verdades evangélicas. É preciso retornar à simplicidade do cristianismo original.

Todavia, o conceito mais significativo em Erasmo, em virtude de suas ligações com o pensamento de Machado, é o de *loucura*. Trata-se de um conceito altamente ambíguo, cujas propriedades se estendem por um amplo espectro, que vai desde o extremo mais negativo, em que se revela a parte mais degradada do ser humano, até o extremo mais positivo, em que se manifesta a sua parte mais elevada. Erasmo joga com todos esses graus da loucura, tratando-os ora com uma ironia de tipo socrático, ora com uma crítica acerba que não esconde o seu desapontamento. A loucura constitui uma parte indispensável de nossas vidas, proporcionando-nos a oportunidade de manifestar através dela o que temos de melhor e o que temos de pior. A loucura desnuda a comédia da vida e o seu sentido. Ela é reveladora da verdade. Erasmo chega mesmo a utilizar a metáfora de um espetáculo teatral, em que a vida humana nada mais é do que uma comédia cujos atores desempenham papéis de acordo com as instruções do diretor. O mesmo ator pode representar ora um rei, ora um escravo. Mas o clímax da loucura, para Erasmo, está na fé, quando, no ardor da piedade cristã, o ser humano se desapega dos bens materiais, não se deixa ofender pelos semelhantes e aceita resignadamente esse mundo.<sup>34</sup>

Ora, parece-me que não apenas o tema da loucura, mas também a maneira irônica e ambígua pela qual Erasmo o trata constituem as fontes de inspiração mais claras da visão machadiana de mundo. Mais do que Pascal e Montaigne, Erasmo é que explica o tom geral da ficção machadiana. A maneira irônica e ambígua pela qual Machado lida com os problemas e personagens, principalmente na segunda fase, refletem de maneira bastante perceptível a postura de Erasmo com respeito à loucura. Além disso, as personagens de Machado estão sempre a um passo da loucura. Muitas e muitas se tornam efetivamente loucas, enquanto outras permanecem no limiar dessa experiência. Certas analogias podem ser feitas também aqui, com respeito ao delírio de Brás Cubas, à metáfora da ópera em *Dom Casmurro*, à loucura de Quincas Borba e à loucura de Rubião. É certo que há uma diferença entre Erasmo e Machado, no que diz respeito à solução para a miséria humana. Em Erasmo, essa solução se encontra na loucura da fé



religiosa, que eleva o ser humano ao seu mais alto nível; em Machado, que não possui a religiosidade de Erasmo, ela se encontra na contemplação estética da contraditória ópera da vida. Mas nos dois autores o mecanismo de salvação é o mesmo: uma forma de loucura “sadia”, que nos faz transcender o momento fugaz e nos liga a alguma coisa que está para além do tempo histórico. Finalmente, outro ponto digno de nota está nas semelhanças e analogias da perspectiva erasmiana com a visão de mundo cético-estóico-salvacionista da nossa matriz colonial, que provavelmente inspiraram a perspectiva filosófica machadiana, ainda que de maneira indireta.

Tal como apresentada acima, a visão de vida em Machado de Assis envolve uma combinação de elementos pessimistas, cétricos e estéticos, que reflete as influências do *Eclesiastes* e de pensadores como Sanches, Montaigne, Erasmo, Pascal e Schopenhauer. Embora possua um caráter eclético, em virtude da diversidade dessas influências, essa visão de vida possui consistência: o pessimismo à la *Eclesiastes* gera um ceticismo de caráter ético, que é superado através de uma atitude de contemplação estética da condição humana miserável. As idéias de Sanches, Montaigne, Erasmo e Pascal são aproveitadas na medida de sua convergência em direção ao pessimismo cético. De Schopenhauer, são aproveitados o pessimismo e a atitude estética, deixando-se de lado a metafísica da vontade e sua objetivação nas idéias, bem como a redenção ética através da negação da vontade. Não parece haver grandes incoerências na perspectiva filosófica resultante.

Mas cabe aqui uma avaliação dessa perspectiva considerada em si mesma. Ao discutir algumas das interpretações possíveis de Machado e ao apresentar a minha posição a respeito do assunto, mostrando inclusive suas ligações com a visão originária de mundo do Período Colonial, não estou pretendendo sugerir que o pessimismo cético e estetizante desse autor seja a solução filosófica para nossos problemas existenciais. É verdade que, ao proceder como fiz, estou reconhecendo não só a importância de Machado para o pensamento filosófico brasileiro, mas também a sua originalidade e conexões com as idéias de autores reconhecidos na história da filosofia. Mas isso não significa que a visão machadiana de vida não tenha de enfrentar as suas próprias dificuldades. Com efeito, embora a atitude estética de Machado para com a vida pode ser considerada uma solução prática para a miséria humana, ela muito provavelmente contribuirá para a desagregação social. Seu principal resultado tende a ser a inatividade social e política. A visão machadiana de vida seria, nessa perspectiva, ideal para pessoas idosas e aposentadas, que, através da contemplação desapegada, estariam imitando Brás Cubas, o defunto autor. Essa visão de vida é adequada para pessoas como o Conselheiro Aires, que viveu uma vida cheia, viajou pelo mundo e agora se encontra no final de carreira. É apenas numa situação dessas que alguém pode se tornar completamente desapegado dos valores mundanos e agir como se fosse um “aprendiz de morto”. Ora, está claro que essa visão de vida e a atitude que dela decorre não seriam adequadas para a maior parte da humanidade, em que se encontram pessoas começando suas vidas e batalhando por dias melhores. Nessa perspectiva, a visão machadiana de vida se apresenta como uma espécie de estetismo escapista que é capaz de chocar as pessoas. Esse certamente é um dos motivos que levaram Mário Vieira de Mello a escrever suas críticas contundentes ao estetismo de Machado em *Desenvolvimento e Cultura*.<sup>35</sup> Mas as críticas de Vieira de Mello, embora apontem para a real dificuldade da visão machadiana de vida, estão

excessivamente baseadas na personalidade do próprio Machado, adquirindo assim um viés *ad hominem* que compromete a validade da argumentação. Além disso, não há espaço para discutir essa questão aqui. De qualquer modo, o estetismo escapista de Machado parece ter deixado poucos herdeiros na cultura brasileira, apesar de encontrarmos entre eles um autor do naipe de Carlos Drummond de Andrade.

## 5. OBSERVAÇÕES FINAIS

Em meu debate com Maia Neto, procurei mostrar que a mistura de pirronismo e estetismo por ele identificada na visão de vida em Machado não permite a aproximação entre o ceticismo machadiano e o pirronismo antigo através das categorias de *zétesis*, *epoché* e *ataraxia*. Na verdade, as ligações de Machado com o ceticismo, seja ele pirrônico, renascentista ou moderno, decorrem de suas ligações com o pessimismo cético que identifiquei no catolicismo barroco do Período Colonial. Suas ligações com Montaigne e Pascal se explicam muito mais pelas afinidades entre esses autores e o pessimismo cético ibérico de um Francisco Sanches do que pelas suas afinidades com o ceticismo do período moderno.

Desse modo, as personagens de Machado não adotam propriamente uma atitude zetética perante a vida, não suspendem o juízo no estilo pirrônico e não entram em ataraxia. Este último estágio é substituído por uma atitude estético-contemplativa que está mais ligada à contemplação da eternidade no momento fugaz do que com a mera paz de espírito aspira por Pirro e Sexto Empírico.

A análise dos romances da fase madura de Machado revela que as principais teses de Maia Neto a respeito do pirronismo desse autor são equivocadas. Na apresentação de minha interpretação alternativa, procurei deixar claro que Machado é um pessimista *à la Ecclesiastes* que se torna um cético *à la Ecclesiastes*, revelando assim suas ligações com as matrizes ibérica e colonial de pensamento. Procurei também deixar clara a sua solução do problema da vida através de uma postura estetizante que se inspira em Schopenhauer. Na contemplação estética da nossa condição miserável, Machado recorre a um texto tão polissêmico e enigmático quanto a realidade que tenta expressar, gerando assim as inúmeras interpretações possíveis de seus romances. Procurei mostrar ainda que o ironismo constitui um instrumento essencial na expressão da postura ético-filosófica de Machado diante da vida, pois através dele se torna mais fácil revelar as falhas na conduta humana. Tudo indica que esse ironismo encontra suas origens em Erasmo, cujas reflexões em tom cético a respeito da loucura parecem ter influenciado grandemente o pensamento e o estilo de Machado.

Finalmente, argumentei que a visão machadiana de vida é consistente, embora possua um caráter eclético. Mesmo assim, ela enfrenta suas próprias dificuldades, que envolvem a adoção de uma postura meramente contemplativa nesse mundo, com duas conseqüências indesejáveis: o rompimento da coesão social e a inatividade tanto social quanto política.

Em que pesem as discordâncias entre as interpretações alternativas aqui discutidas, convém reiterar aqui, para terminar, as inegáveis qualidades do livro de Maia Neto. O seu apelo ao primeiro texto publicado por Machado, dele retirando o triângulo amoroso cujas personagens e visões de vida emolduram toda a ficção machadiana e permitem compreendê-la de maneira

nitidamente articulada, constitui uma chave interpretativa extremamente frutífera e possui um mérito incontestável, que certamente torna *Machado de Assis, o brasileiro pírrônico* um clássico na interpretação de um dos nossos maiores literatos de todos os tempos. ☺

## Referências bibliográficas

- BARBIERI, Ivo, Um romance de muitas leituras, in: Barbieri, Ivo (org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio: Ed. UERJ, 2003, p. 7-42.
- CALDWELL, H. O Otelô brasileiro de Machado de Assis. Um estudo de Dom Casmurro. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' *Memorial de Aires*, in: The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 307-16.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. The skeptical paradox in Machado de Assis, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 227-48.
- MACHADO DE ASSIS. Teoria do Medalhão, in: Machado de Assis, J. M. *Queda que as mulheres têm para os tolos e outros textos*. Org. O. Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2003.
- MAIA NETO, J. R. Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian. West Lafayette: Purdue Un. Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. The Development of a Skeptical Life-View in the Fiction of Machado de Assis, in: *The Author as Plagiarist* -
- MOISÉS, M. História da Literatura Brasileira. Vol. III. Realismo. S. Paulo: Cultrix, 1983.
- \_\_\_\_\_. Machado de Assis: Ficção e Utopia. S. Paulo: Cultrix, 2001.
- MONTEIRO, Pedro Meira. Absence of Time: The Counselor's Dreams, in: The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 353-71.
- PIRES, Isabel Virgínia de Alencar. Rubião: um excêntrico entre a província e a Corte, in: Barbieri, Ivo (org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio: Ed. UERJ, 2003, p. 107-34.
- OLIVEIRA, Leopoldo O. C. de. As metamorfoses na estrutura narrativa entre as versões A e B, in: Ivo Barbieri (org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio: Ed. UERJ, 2003, p. 43-58.
- RIOJA, S. Quincas Borba: embrião de uma moderna teoria da leitura, in: Barbieri, Ivo (org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio: Ed. UERJ, 2003, p. 91-106.
- RORTY, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*. 2nd printing, with corrections. Princeton, N. Jersey: Princeton Un. Press, 1980.
- ROSENFELD, Kathrin H. Irony in Machado de Assis' Dom Casmurro: Reflections on Anti-Tragic Cordiality. In: The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 391-405.
- SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e representação. Porto: RÉ S Editora, s/d.
- SERPA, E. O narrador cético na segunda versão, in: Ivo Barbieri (org.). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio: Ed. UERJ, 2003, p. 59-82.
- The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 263-280.
- STEPHEN M. Hart, Four Stomachs and a Brain: An Interpretation of Esaú e Jacó, in: The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 317-331.

## Notas

1 Em seu texto “Quem me dera: o ceticismo de Machado de Assis” (que integra essa edição), Gustavo Bernardo alega que minha posição tem problemas, pois não há evidência de que Machado tenha lido Sanches e, além disso, seus personagens não dão o “salto da fé”, característico do fideísmo. Em resposta a essa crítica, presto os seguintes esclarecimentos. Em primeiro lugar, como meus estudos do pensamento filosófico brasileiro no período colonial revelam, as ligações entre os diversos autores são indiretas. De um modo geral, eles não lêem uns aos outros, mas, o estudo comparativo de suas respectivas posições sugere uma visão de mundo partilhada por todos. Assim, mesmo sem ter lido Sanches, os pensadores do período colonial compartilham muitas de suas idéias. E essas últimas estendem sua influência até Machado. Foi nesse sentido que tentei estabelecer as ligações entre o pensamento de Sanches e o de Machado. Em segundo lugar, ao realizar essa aproximação indireta, não estou afirmando que Machado tenha assumido o fideísmo de Sanches. É certo que os dois usam processos diferentes: Machado adota uma postura estetizante, que busca a contemplação estética, enquanto Sanches adota uma postura fideísta, que busca a salvação pela fé. Machado dá o “salto estético”, enquanto Sanches dá o “salto da fé”. Mas a semelhança nos resultados não pode ser desconsiderada: embora os processos sejam diferentes, ambos conseguem uma certa redenção com respeito à miséria humana. E nesse sentido a aproximação é válida.

2 Essa também é a posição revista de Massaud Moisés em Machado de Assis: Ficção e Utopia. S. Paulo: Cultrix, 2001, p. 77.

3 Kathrin H. Rosenfield, Irony in Machado de Assis’ *Dom Casmurro*: Reflections on Anti-Tragic Cordiality. In: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 391-405.

4 Maia Neto, J. R. Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian. West Lafayette: Purdue Un. Press, 1994, p. 125.

5 Matson, W. Why Isn’t the Mind-Body Problem Ancient? In: Feyerabend, P. & Maxwell, G. (eds). *Mind, Matter and Method: Essays in Philosophy and Science in Honor of Herbert Feigl*. Minneapolis, 1966, p. 92-102. Apud Rorty, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*. 2nd printing, with corrections. Princeton, N. Jersey: Princeton Un. Press, 1980, p. 47 .

6 Rorty, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*. 2nd printing, with corrections. Princeton, N. Jersey: Princeton Un. Press, 1980, p. 46-51.

7 Maia Neto, J. R. Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian. West Lafayette: Purdue Un. Press, 1994, p. 165.

8 Maia Neto, J. R. Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian. West Lafayette: Purdue Un. Press, 1994, p. 166.

9 Stephen M. Hart, Four Stomachs and a Brain: An Interpretation of Esaú e Jacó, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 317-331.

10 Stephen M. Hart, Four Stomachs and a Brain: An Interpretation of Esaú e Jacó, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 317.

11 Stephen M. Hart, Four Stomachs and a Brain: An Interpretation of Esaú e Jacó, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 318-29.

12 Stephen M. Hart, Four Stomachs and a Brain: An Interpretation of Esaú e Jacó, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 329.

13 Hans Ulrich Gumbrecht, The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis’ Memorial de Aires, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis*. Portuguese Literary & Cultural Studies, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 307-16.

- 14 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 309.
- 15 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 309-10.
- 16 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 312.
- 17 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 312.
- 18 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 314.
- 19 Hans Ulrich Gumbrecht, *The Beautiful Form of Sadness: Machado de Assis' Memorial de Aires*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 314-5.
- 20 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 353-71.
- 21 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 354.
- 22 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 355.
- 23 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 355.
- 24 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 355-6.
- 25 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 356.
- 26 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 359.
- 27 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 360-1.
- 28 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 361.
- 29 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 366.
- 30 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 367.
- 31 Pedro Meira Monteiro, *Absence of Time: The Counselor's Dreams*, in: *The Author as Plagiarist - The case of Machado de Assis. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 13/14, Fall 2004/Spring 2005, p. 368.
- 32 Machado de Assis, *Teoria do Medalhão*, in: Machado de Assis, J. M. *Queda que as mulheres têm para os tolos e outros textos*. Org. O. Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2003, p. 79-80.
- 33 Em *Quem me dera: o ceticismo de Machado de Assis*, Gustavo Bernardo alega que a ironia lúdica de Machado também aponta menos para uma postura pessimista do que para o ceticismo suspensivo, como defende Maia Neto. Dadas as considerações feitas até agora sobre a visão machadiana de vida, penso que essa afirmação de Bernardo é bastante controversa. Um pessimismo cético de caráter ético é muito mais compatível com o ironismo lúdico de Machado do que um ceticismo suspensivo, cuja postura é meramente epistemológica e carece da dimensão ética.

34 Conforme mencionado acima, o conceito de loucura também foi tratado por Schopenhauer. E convém lembrar aqui que a perspectiva por ele adotada apresenta afinidades com a de Erasmo. Ver Schopenhauer, A. O mundo como vontade e representação. Porto: RÉS Editora, s/d, § 36.

35 Mello, Mário Vieira de. Desenvolvimento e cultura. O problema do estetismo no Brasil. 3 ed. Rio: Paz e Terra, 1980, p. 220-7.

\* \* \*